

Bob Dylan

Outros títulos de música publicados pela Aleph:

O Livro dos Mortos do Rock
Led Zeppelin

Próximas Publicações:
Pink Floyd

Bob Dylan

Nigel Williamson

Tradução:
Henrique Szolnoky



Copyright © Nigel Williamson, 2007
Copyright © Editora Aleph, 2011
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

TÍTULO ORIGINAL: The Rough Guide to Led Zeppelin
CAPA: RS2 Comunicação
COPIDESQUE: Marcos Fernando de Barros Lima
REVISÃO: Entrelinhas Editorial
PROJETO GRÁFICO : bounford.com
EDITORAÇÃO: RS2 Comunicação
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Débora Dutra Vieira
Marcos Fernando de Barros Lima
DIREÇÃO EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
A editora e os autores fizeram o melhor possível para garantir a precisão e atualidade de todas as informações deste livro; porém, não podem ser considerados responsáveis por quaisquer perdas ou inconveniências para os leitores resultantes de seu conteúdo ou sugestões.

EDITORA ALEPH LTDA.
Rua Dr. Luiz Migliano, 1110 – Cj. 301
05711-900 – São Paulo – sp – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
Fax: [55 11] 3743-3263
www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agradecimentos

Minha gratidão a Allan Jones, editor da revista *Uncut*, que sempre me ofereceu um espaço generoso para escrever sobre tudo o que fosse sobre Dylan nas páginas de sua revista.

Agradecimentos também aos autores de livros sobre Dylan, cujo trabalho inspirou e auxiliou a criação deste volume, em especial Anthony Scaduto, Bob Shelton, Clinton Heylin, Howard Sounes, Cameron Crowe, C.P. Lee, Paul Williams, Andy Gill, Patrick Humphries, Michael Gray e agora o próprio Dylan, que nos deu provavelmente melhor livro sobre música já escrito.

Obrigado também a Jeff Rosen, chefe da equipe de turnê de Dylan, que se provou um verdadeiro *gentleman* e um inveterado defensor do legado de Bob. Obrigado a todos da Rough Guides, especialmente Mark Ellingham, Andrew Lockett e, acima de todos, Duncan Clark, um editor com o hábito infalível de fazer todas as perguntas certas. Meus dois filhos adultos, Adam Williamson e Piers Williamson, ajudaram um ludista incorrigível a fazer *backups*. Por fim, um imenso agradecimento a Magali Williamson. Mesmo sem gostar da música, ela vive comigo e Bob, em um *ménage à trois*, por mais de 30 anos e com o mínimo de reclamações. Algum dia, ela vai sacar.

Sumário

● Introdução

● A vida

- Os primeiros anos, 1941–1959 13
- Os anos de protesto, 1960–1965 25
- O fantasma dos instrumentos elétricos, 1966–1969 57
- Destruído e renascido, 1970–1979 79
- Achado e perdido, 1980–1989 113
- A escuridão ainda não chegou, 1990– 135

● A música

- Os discos 159
- 50 grandes músicas de Dylan e suas histórias 203
- Não hei de ser lançado: Dylan e os *bootleggers* 237
- Curiosidades e covers 245

● Os filmes

- Dylan no cinema 255

● Dylanologia

- O estranho caso de A. J. Weberman 271
- País Dylan 273
- A sabedoria de Bob 279
- Os “novos Bob”; Bruce e outros dez candidatos 283
- Livros, fanzines e sites 288

Introdução

Como é o caso da maioria dos fãs de Bob Dylan, não conheci o homem cujas canções mudaram minha vida. Nem sei se gostaria, pois o choque de descobrir que ele é um ser humano tão falível quanto o restante de nós poderia ser maior do que posso suportar. Mas, como é o caso da maioria dos fãs de Bob Dylan, sinto como se fôssemos íntimos desde que me tornei adulto.

Este é, claro, um tipo de atitude profundamente irritante para Dylan, que defendeu com veemência sua privacidade ao longo dos anos. – Você não sabe nada sobre mim, ele certamente responderia. Você conhece minhas canções. Mas não é o mesmo que me conhecer – é exatamente nesse ponto que está nossa fascinação infinita por cada faceta da vida e da obra de Dylan. Onde termina a vida e começa a arte? Apesar de suas canções terem sido analisadas e dissecadas como escrituras sagradas e incontáveis biografias terem cutucado cada canto e recesso de sua existência, ainda não o conhecemos. Ele continua um enigma.

Ainda assim, sua influência na cultura popular moderna é universal. Quando perguntaram a Pete Townshend, do The Who, sobre como havia sido influenciado por Dylan, ele respondeu que era como perguntar sobre as influências de seu nascimento em sua vida. Bob Dylan mudou o mundo. Não há um compositor no planeta que não tenha sido influenciado

por ele. Até mesmo aqueles que nunca ouviram um disco de Dylan podem perceber que foram afetados indiretamente por sua feitiçaria musical. Emmylou Harris conta uma história ótima sobre ter ganhado um bracelete da cantora e compositora country Gillian Welch, no qual havia as iniciais WWDD. Quando perguntou o significado, Welch respondeu, “What Would Dylan Do? (O que Dylan faria?). Quando estiver escrevendo uma canção, pergunte isso a si mesma”.

E a história está longe de terminar. Em outubro de 2004, Dylan publicou *Chronicles Volume One*, a espetacular primeira parte de sua autobiografia. Quase um ano depois veio o magnífico documentário de Martin Scorsese, *No Direction Home*, e em 2007 o longa-metragem *Não Estou Lá*. Esses dois eventos aumentaram o interesse da mídia por Dylan, o que resultou em uma enorme exposição, que não se via desde os anos 1960.

Esta edição do *Rough Guide: Bob Dylan* inclui os muitos *insights* e informações adicionais oferecidos pelo livro e pelo filme. Atualiza outros dados, também, por meio da lista de livros e CDs que surgiram desde a primeira edição e que cobrem os momentos mais recentes da “Never Ending Tour”.

Dylan continua evoluindo noite após noite, reinventando as canções que mudaram o mundo e as fazendo renascer diante de nossos olhos. A escuridão ainda não chegou. E torcemos para que ela demore uma eternidade para chegar.

Nigel Williamson, 2006

Nigel Williamson
Maio de 2006

Parte 1:

A vida



Os primeiros anos

1941 – 1959



*“Minha mente se misturou
com divagações quando eu
era tão jovem.”*

Bob Dylan, “Long Time Gone”

Capítulo 1

Os primeiros anos 1941-1959

“Não tenho respeito por conhecimento factual”, declarou Dylan certa vez. “Não me importo com o que as pessoas sabem. Não me importo se fulano é uma enciclopédia ambulante.” Ao longo dos anos, ele tentou muitas vezes confundir e enganar aqueles que buscavam dados factuais sobre sua vida, com uma série de informações errôneas e até mesmo mentiras deslavadas. “Minha infância está tão longe”, disse a um entrevistador, usando sua típica estratégia de distração. “É como se eu nem lembrasse que fui criança. Nem tenho certeza se o que aconteceu comigo ontem foi verdade.” Ainda assim, as persistentes evasões de Dylan e seu desejo inabalável de proteger sua privacidade serviram apenas para aumentar o mito e atiçar a curiosidade pública – fato que está cansado de saber.

1941–1955: Blues de North Country

Os fatos cotidianos da infância de Dylan não são tão misteriosos quanto o resto de sua vida. Robert Allen Zimmerman – que recebeu também o nome hebraico Shabtai Zisel ben Avraham – nasceu às 21h05 do dia 24 de maio de 1941. O bebê de 52 centímetros, 3,7 quilos e (dizem) uma cabeça desproporcionalmente grande foi o primogênito de Abraham e Beatrice Zimmerman, de Duluth, Minnesota, uma pequena cidade de mineração perto da fronteira canadense. Para quem acha esses fatos relevantes, a data de nascimento de Dylan o faz um geminiano – apesar de que, até 1991, ele continuava se esquivando da informação ao replicar sua carta de motorista no encarte de um CD de retrospectiva da carreira, na qual o dia de seu nascimento foi propositalmente alterado para 11 de maio. Assim, com uma

pitada de corretivo líquido, transformou-se em um taurino falso e causou furor nos mapas dos astrólogos que o acompanham.

Na Europa, as forças alemãs estavam prestes a completar a invasão às ilhas gregas, mas os Estados Unidos ainda estavam oficialmente em paz. O ataque a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941 (que seria o gatilho da entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial), ainda demoraria mais seis meses para acontecer. Ainda assim, a milhares de quilômetros de distância, os Zimmerman devem ter ficado inseguros, pois os avós paternos de Dylan, Zigman e Anna Zimmerman, fugiram das perseguições czaristas, zarpando do porto de Odessa em 1907 para cruzar o mar Negro e buscar vida nova na Terra da Liberdade.

Os Zimmerman acreditavam nas virtudes do trabalho árduo e na santidade da família, e conseguiram manter uma rotina razoável no Novo Mundo. A família

de Beatrice, os Stones, também eram imigrantes judeus da Europa Oriental e seu pai era dono de uma pequena cadeia regional de cinemas. Porém, os tempos ficaram mais difíceis em 1946. Nasceu um segundo filho, David; Abe perdeu o emprego e contraiu poliomielite, o que o deixou com sequelas permanentes nas pernas. No ano seguinte, a família mudou-se de Duluth para Hibbing, 120 quilômetros ao norte (ver box abaixo), construída na margem ocidental rochosa do lago Superior. Hibbing era a cidade natal de Beatrice e os Zimmerman foram morar com sua mãe, viúva. Logo, Abe estava de volta à ativa e juntou-se a seus irmãos, Paul e Maurice, para abrir uma nova empresa, de vendas de móveis e aparatos elétricos. Com o fim da guerra e o imenso *boom* do consumo de massa, a

situação dos Zimmerman melhorou rapidamente. Em 1948, a família mudou-se para uma casa de dois andares, no número 2425 da Seventh Avenue.

Nessas circunstâncias respeitáveis e relativamente confortáveis de classe média, Dylan cresceu como uma criança quieta e introspectiva, um filho bem-comportado e obediente. Como escreveu Patrick Humphries, “Em cada migalha de informação sobre os primeiros anos de vida e adolescência de Dylan, você tenta detectar o extraordinário, sinais daquele futuro incrível. Mas, na realidade, e sem o benefício do retrospecto, você teria bastante dificuldade de conectar o jovem Robert Zimmerman com seu contemporâneo”. Em *Chronicles Volume One*, o próprio Dylan descreve uma existência mundana, a ponto de ser

Hibbing, Minnesota

“Não havia nada lá, mesmo” Bob Dylan

A cidade de Hibbing foi um pano de fundo simplório para a quase inexistência de Bob Dylan entre 6 e 18 anos, quando se mudou para Minnesota e matriculou-se em uma universidade.

Nos anos 1920, os depósitos ricos em minério de ferro da área causaram um miniboom na cidade, e imensas minas a céu aberto rasgaram a paisagem local. A demanda por ferro na Segunda Guerra Mundial também trouxe prosperidade. Mas, quando Dylan estava crescendo, as melhores minas já haviam sido esgotadas e faltavam empregos. No futuro, ele revisitou esse cenário deprimente e escasso em “North Country Blues”, de 1964, uma canção na qual pinta uma figura evocativa de uma cidade na qual as jazidas de ferro vermelho “eram antes generosas”, mas onde “as janelas cobertas por papelão e os velhotes nos bancos diziam que a cidade inteira está vazia”.

“Não havia nada lá, mesmo”, afirmou, no futuro. “A única coisa que você podia fazer era tornar-se um minerador, e até esse tipo de coisa estava ficando cada vez mais raro.” Ainda assim, manteve certo apreço sentimental pelo lugar: “As pessoas

que vivem lá são boas. Estive em todo o mundo desde que fui embora e elas ainda se distinguem como as menos atrasadas. As minas estavam morrendo, só isso, não era culpa delas. Não fugi. Apenas parti para outra”.

Nos anos 1990, ele descreveria um retrato mais idealizado de Hibbing. “Afiadores de facas passavam pelas ruas”, afirmou. “De vez em quando, passava uma carroça com um gorila enjaulado, ou, me lembro, uma múmia em exibição. Era um lugar de muitos viajantes, tinha estradas para todos os lados. Havia certa inocência ali, não me lembro de nada ruim ter acontecido. Eram os anos 1950, a última época que me lembro ter sido idílica.”

Um mapa mais contemporâneo, mais de 40 anos depois que Dylan foi embora, é revelador. A mina Hull-Rust Mahoning ainda é de grande importância – um corte na terra de quase cinco quilômetros de largura e 150 metros de profundidade. Mas outras atrações, mais novas, como a Iron Range Tour, o Minnesota Museum of Mining e a Ironworld USA, apontam para uma indústria não apenas enferrujada, mas decadente e destruída que, décadas depois, tornou-se um ponto turístico de interesse histórico.

tediosa. Até mesmo os treinamentos de emergência, que faziam Dylan e seus colegas se esconder sob as carteiras para simular um bombardeio russo, tornaram-se parte da rotina. “No geral, o que fiz conforme cresci foi esperar meu momento”, conclui.

Na escola primária Nettleton, o jovem Dylan não era mau aluno. Já mostrava amor por poesia, passando horas em seu quarto rabiscando, desenhando e escrevendo poemas para o dia das mães e dos pais. Ainda assim, sua relação com o pai foi caracterizada por uma severidade estilo Antigo Testamento. Quando recebeu um prêmio pelo conjunto da obra em uma cerimônia televisada em 1991, ficou em silêncio por longos 30 segundos. Então, fez um raro e surpreendente comentário sobre sua infância: “Meu pai uma vez me disse: ‘Filho, é possível que você fique tão corrompido que seus próprios pais vão abandoná-lo. Se isso acontecer, Deus vai acreditar em sua capacidade de corrigir seus caminhos por conta própria’”.

Ainda assim, mesmo sob afirmações tão pragmáticas, havia distrações juvenis: ler quadrinhos da *Classics illustrated*, assistir a filmes de caubóis no Lybba Theater de Hibbing (que era de parentes e cujo nome homenageava a bisavó materna lituana de Dylan), e passar horas na frente da televisão comprada pela família em 1952, um dos primeiros aparelhos a aparecer em Hibbing. O *bar mitzvah* de Dylan foi em maio de 1954 e, durante algum tempo, ele parece ter levado seu passado judaico a sério. Anos depois, descreveu o rabino que costumava visitar. “Era um velhote do Brooklyn que tinha barba branca e usava roupas e chapéu pretos. Eles o mantinham no andar de cima do café que eu costumava visitar. Ia para lá todos os dias para aprender essas coisas, depois da escola ou depois do jantar. Depois de estudar com ele por mais ou menos uma hora, eu descia e ia dançar.”

Uma foto de turma de 1955 da Hibbing High School mostra um garoto judeu de olhos claros, arrumadinho, com bochechas ligeiramente rechonchudas, conheci-

do pelos amigos como “Zimbo”. Mas, como era o caso de milhões de outros adolescentes da época, o espírito de rebeldia estava começando a crescer – e o principal instigador foi James Dean (ver box na página 18), cuja morte, em setembro de 1955, deu à nascente geração do rock’n’roll seu primeiro mártir. Seu filme, *Juventude Transviada*, chegou a Hibbing naquele inverno. O jovem Dylan o assistiu várias vezes, citando falas do filme com seu melhor amigo, John Bucklen, e cobrindo as paredes de seu quarto com fotos do falecido ator.

1956–1959: Fugindo da prisão

“Fugi de casa quanto tinha 10, 12, 13, 15, 15 e meio, 17 e 18 anos. Fui pego e levado de volta todas as vezes, menos uma.”

Bob Dylan

Dylan tinha mostrado algum talento musical quando era pequeno, entretendo os Zimmerman ao cantar “Accentuate The Positive” em eventos familiares quando tinha cinco anos. Quando chegou aos 11, tinha aprendido o básico de piano com sua prima, Harriet Rutstein, mas decidiu aprender por conta própria em seguida. Tentou também outros instrumentos, inclusive saxofone e trompete, antes de optar pelo violão.

Logo, estava ouvindo versões duvidosas de melodias do “Rei da Country Music”, Hank Williams. Também conhecido como o “Shakespeare caipira”, Williams já estava morto quando Dylan descobriu sua música; faleceu na traseira de um Cadillac, no Ano-Novo de 1953, por insuficiência cardíaca causada por bebida em excesso e drogas. Mas continuou sendo um dos ídolos de Dylan por meio século. “Com o tempo”, escreveu em *Chronicles*, “tomei consciência de que nas canções de Hank estavam as regras arquetípicas da composição poética.” Houve também as gravações “de raça” que ouviu em rádios de Little Rock e Chicago, de nomes



O rebelde que deu uma causa a Dylan

James Dean em *Assim Caminha a Humanidade*, que Dylan viu e reviu inúmeras vezes

Quando *Juventude Transviada (Rebel Without a Cause)* chegou aos cinemas de Hibbing, no inverno de 1955, James Dean já estava morto, vítima de um acidente de carro perto de Paso Robles, aos 24 anos. O jovem Robert Zimmerman viu o filme e introjetou o mito Dean, assim como milhões de outros adolescentes norte-americanos da época – mas a fixação de Dylan parecia ser especialmente forte.

Era quase como se ele acreditasse ser Jim Stark, o personagem que Dean interpreta no filme. Comprou uma jaqueta de couro vermelha como a que Stark usa, decorou as falas e garimpou revistas de cinema para encontrar fotos de seu herói, que colava nas paredes do seu quarto. Também devorou outros dois filmes de Dean, *Vidas Amargas* e *Assim Caminha a Humanidade*, revendo-os toda vez que tinha oportunidade.

Certa noite, Dylan foi flagrado chegando em casa depois da hora, após ter visto *Assim Caminha a Humanidade*. Seu pai o seguiu até o quarto. “James Dean! James Dean!”, repetiu Abe Zimmerman enquanto seu filho tentava se explicar. Ele arrancou uma das fotos da parede. “Não faça isso!”, gritou Dylan conforme seu pai a rasgava em pedaços e os jogava no chão.

Elvis Presley logo assumiu o lugar de Dean como a principal inspiração adolescente de Dylan. “Quando ouvi a voz de Elvis pela primeira vez, tive certeza de que nunca trabalharia para ninguém, ninguém seria meu chefe”, disse, no futuro. “Ouvi-lo pela primeira vez foi como fugir da prisão.” Mas Dean foi quem primeiro girou a chave na porta da cela. “Acho que gostava dele pela mesma razão que você gosta de alguém”, relembrou Dylan em 1987. “Você vê algo de si mesmo na outra pessoa.”

como John Lee Hooker, Howlin’ Wolf e Jimmy Reed. E Dylan ia além de amar a música – adotou as gírias modernas que ouvia os DJs falando entre as canções.

Ouvia também roqueiros. Na verdade, muito antes de Dylan descobrir a música folk e usar Woody Guthrie

como referência, seus modelos musicais eram, por exemplo, Elvis Presley e Chuck Berry. Little Richard foi uma inspiração especial, e Dylan passou horas copiando seus intensos riffs de piano, tocados de pé no piano de cauda pequeno da família Zimmerman. O impacto no

jovem Dylan foi tanto que, como escreveu John Harris, “As esperanças de Abe de que seu filho mais velho acabaria por se unir aos negócios da família provavelmente foram para o espaço quando o ousado ‘awopbopalooobopawopbamboom’ de “Tutti Frutti” passou voando pelas ondas de rádio de Minnesota”.

Quando veio 1956, Dylan estava tocando em uma banda chamada The Jokers, formada em um acampamento de verão judaico. Ele chegaram a tocar em bailes da escola e apareceram até em um programa de TV em Minneapolis, 300 quilômetros ao sul de Hibbing, onde, naquele verão, Dylan e os amigos Howard Rutman e Larry Keegan pagaram cinco dólares para gravar um disco de 78 rpm. Dylan tocava o piano enquanto eles faziam acompanhamento em um medley rock’n’roll que incluía “Be-Bop-A-Lula”, de Gene Vincent, e “Earth Angel”, do The Penguins. Se seus primeiros experimentos musicais fossem mais conhecidos, talvez não tivesse havido tanta

controvérsia quando, mais de uma década depois, ele abandonou o violão e “partiu para o elétrico”.

Dylan continuou com The Jokers por um ano ou mais, tocando em coletes de lã cinza e vermelha combinando, em visitas às cidades gêmeas Minneapolis e St. Paul nos fins de semana. Sua primeira banda local, The Shadow Blasters, foi formada em 1957, com amigos da escola, quando tocaram no show de talentos Jacket Jam-boree, no auditório do colégio, e Zimbo mandou ver em duas canções de Little Richard no piano. “Guinchos africanos”, como um professor definiu seu estilo vocal. The Shadow Blasters tocaram apenas em mais um show, mas Dylan estava evoluindo. Logo tinha passado para uma guitarra; primeiro um modelo barato de um catálogo da Sears Roebuck, e então uma Surpo de corpo sólido, pintada em *sunburst* dourado.

Ele estava evoluindo rápido, e Hibbing logo não seria capaz de segurá-lo. Em seu aniversário de 16 anos, em 1957, ganhou seu primeiro carro, um Ford conversível rosa. Uma moto Harley-Davidson veio em seguida. Era um péssimo motorista, tanto em duas quanto em quatro rodas, e houve vários arranhões e acidentes.

Então, conheceu Echo Helstrom. A família de Echo tinha vindo da Finlândia e vivia na floresta, cinco quilômetros fora de Hibbing, em Maple Hill. Dylan ficou atraído pelo cabelo loiro, jaqueta de couro e calça jeans que a moça usou em certo fim de semana. Ela viu Dylan pela primeira vez quando ele tocava sua guitarra e cantava em uma esquina, sob a neve. Encontraram-se mais tarde, naquela mesma noite, no L&B Café, e descobriram um amor mútuo por um programa de rádio noturno chamado *No-Name Jive*. Dylan queria demonstrar suas limitadas habilidades no piano e os dois fo-



Little Richard, cujos enérgicos riffs de piano conquistaram o jovem Dylan

ram ao estabelecimento vizinho, o Moose Lodge. Echo arrombou a fechadura da tampa do piano usando seu canivete para que Dylan tocasse, e ele se apaixonou. Durante o ano seguinte, tornaram-se inseparáveis.

A próxima banda de Dylan foi a Golden Chords, um trio que incluía Leroy Hoikkola na bateria, Monte Edwardson na guitarra e Bobby Zimmerman, como era agora creditado, no piano. Quando apareceram para um show em uma escola no início de 1958, Dylan adaptou a letra de uma canção de Little Richard para cantar, “Gotta

get a girl and her name is Echo”¹. Mas ele estava começando a se sentir restrito pelas limitações do rock’n’roll “branco”, e a Golden Chords não durou muito. “‘Tutti Frutti’ e ‘Blue Suede Shoes’ eram refrões memoráveis e ritmos contagiantes, e você podia se esbaldar na energia”, disse nas notas do encarte da compilação biográfica de 1985. “Mas não eram sérios e não refletiam a vida de maneira séria.”

1 “Preciso conquistar uma garota, e seu nome é Echo.” [N. do T.]

Como Robert Zimmerman tornou-se Bob Dylan

A estrela da Broadway certa vez disse: “Dá para imaginar o nome Zimmerman em néon? Queimaria você até a morte”. Sua solução foi simplesmente eliminar a primeira sílaba do nada sonoro sobrenome judaico. Até onde se sabe, não foi uma opção considerada pelo jovem Robert Allen Zimmerman, que mudou seu nome oficialmente para Bob Dylan no Tribunal Superior de Nova York em agosto de 1962. Diversas vezes, antes e depois, ele deu explicações confusas e contraditórias para as origens do nome.

Superficialmente, a resposta mais direta é a que deu várias vezes no início dos anos 1960 – de que veio de um tio do lado de sua mãe da família, cujo nome era Dillon. O único problema com essa versão é que não havia Dillon na família. Mas havia uma família em Hibbing chamada Dillion, cujas origens remetem aos primeiros colonizadores, algo que deve ter despertado interesse no jovial Robert Zimmerman. Uma inspiração mais provável pode ter sido o personagem Matt Dillon, da série de TV *Guns, Smoke*, que o futuro Bob Dylan deve ter assistido quando era adolescente depois da estreia na CBS, em 1955.

A famosa ideia de que ele pegou o nome do poeta galês é uma das que tentou refutar ao longo dos anos. “Registre direito em seu livro que não peguei meu nome de Dylan Thomas”, disse a Robert Shelton, que, dentre os muitos biógrafos de Dylan, foi

o que chegou mais perto do status de oficial. Amigos dos primeiros momentos no Greenwich Village, como Dave Van Ronk, mencionaram que, apesar de Dylan devorar poesia na época, tinha preferência por simbolistas franceses, como Rimbaud, em vez do autor de *Under Milk Wood*. Ainda assim, Larry Kegan, um antigo amigo de Hibbing, lembra-se de o músico andar por lá com um livro de poesias de Dylan Thomas. E outro amigo de Hibbing, John Buckeln, diz que Dylan falou especificamente a ele, em 1959, que o nome tinha vindo do poeta galês.

Em 1968, o próprio Dylan afirmou: “Não li tanta coisa de Dylan Thomas. Não foi o caso de eu ter lido sua poesia e pensado ‘Ahá!’ e mudado meu nome para Dylan. Se eu achasse que ele era tão bom, teria cantado seus poemas e poderia ter mudado meu nome para Thomas”. Em outro momento, afirmou: “Fiz mais por Dylan Thomas do que ele jamais fez por mim. Veja quanta gente está provavelmente lendo sua poesia agora”. Ele finalmente falou a verdade em *Chronicles*, admitindo que tinha pensado em mudar seu nome para Robert Allyn em homenagem a um saxofonista chamado David Allyn, mas rejeitou porque a versão abreviada, Bob Allyn, “soava como vendedor de carro usado”. Na mesma época, tinha “visto alguns poemas” de Dylan Thomas e “Dylan e Allyn soavam parecidos”. Desta vez, a afirmação parece ser verdadeira.

De acordo com Echo, em certo dia de 1958, Dylan foi até sua casa em seu conversível cor-de-rosa e lhe contou que tinha mudado seu nome para Dylan. Se for verdade, é a primeira história das muitas versões conflituosas da adoção de seu novo nome (ver box na página 20). Logo haveria, também, nomes menos sérios. Em janeiro de 1959, Dylan e amigos apareceram como Elston Gunn & His Rock Boppers em uma festa na Hibbing High School. A essa altura, ele tinha se separado de Echo (falaram sobre casamento, mas ele contou a ela que não podia se comprometer, pois tinha de pensar em sua “carreira”) e estava passando mais tempo em Duluth, onde formou uma banda chamada The Satin Tones.

Foi também em Duluth, em 31 de janeiro de 1959, que Dylan viu uma apresentação de Buddy Holly, então com 22 anos, no National Guard Armory, com Ritchie Valens, The Big Bopper e Link Wray. Cindo dias depois, Holly faleceu em um acidente de avião. Dylan, que tinha estado na primeira fila (e disse a amigos que Holly tinha feito contato visual com ele durante o show), ficou profundamente abalado com sua morte. The Everly Brothers também foram acrescentados à lista de heróis de Bob, depois de sucessos como “Bye Bye Love” e “Wake Up Little Susie”. Mas até Elvis estava em segundo lugar, atrás de Little Richard, no panteão de Dylan. Quando se formou, em maio de 1959, Bob declarou, sob sua foto no livro do ano de sua escola, que sua ambição era “juntar-se a Little Richard”.

Na festa de formatura que seus pais ofereceram a ele, um tio deu-lhe uma pilha de discos 78 rpm de Huddie Ledbetter (mais conhecido como Lead Belly). As canções, como “Rock Island Line” e “Midnight Special”, foram uma revelação para o jovem Dylan, e deram início à sua paixão por música folk. Um *insight* raro e fascinante de como o colegial Dylan soava emergiu 46 anos depois, na trilha sonora do documentário *No Direction Home*, em que pode ser ouvido cantando hesitantemente “When I Got Troubles”, gravada em

1959 pelo colega de escola Ric Kangas. Mas os dados do rock’n’roll ainda seriam rolados mais uma vez antes que ele passasse a investir em seu novo interesse musical como um menestrel acústico.

Logo depois da formatura, Dylan, com 18 anos, pegou um ônibus Greyhound para Fargo, na Dakota do Norte, e arranhou um emprego como ajudante de garçom no Red Apple Café. Foi a única vez em sua vida, de acordo com o biógrafo Howard Sounes, que ele tentou ganhar um salário com alguma coisa que não sua música. O maior grupo local era Bobby Vee & The Shadows, que conseguiriam emplacar vários sucessos, especialmente “Take Good Care Of My Baby”. Dylan conseguiu uma audição ao mentir que tinha tocado piano com Conway Twitty. Tocou em alguns shows locais com a banda, mas não foi incluído como membro definitivo – principalmente porque ele só conseguia tocar mesmo em dó maior. “Um carinho espaçoso, meio que criando seu próprio caminho”, foi como Vee o definiu, depois. Isso não impediu Dylan de contar a todos em Hibbing que tinha tocado piano no grande hit de Vee, “Suzie Baby”. Poucos acreditaram: a mania de Bob de misturar verdade e ficção já era infame entre aqueles que o conheciam.

Mas os dias de Dylan em Hibbing estavam chegando ao fim. Ele afirmou, na prosa poética “My Life In A Stolen Moment”, que tinha fugido de casa uma dúzia de vezes. Era outra de suas notórias fábulas para aumentar o mito, e, quando finalmente escapou, foi com consentimento paterno. Beattie Zimmerman admitiu a Robert Shelton ter dito ao filho que, um dia, seria considerado um sério concorrente para o prêmio Nobel de literatura: “Não escreva mais poesias, por favor. Vá para a faculdade e faça algo construtivo. Consiga um diploma”. No outono de 1959, Dylan matriculou-se na Universidade de Minnesota, nas cidades gêmeas, e mudou-se para a fraternidade judaica de alunos Sigma Alpha Mu.

Dez contos do vigário da automitologia de Bob

1 Trabalhador imigrante

"Cresci em Gallup, Novo México. Tem muita música de caubói por lá. Músicas indígenas. Músicas de circo itinerante e parque de diversões. Coisas tipo *vaudeville*", afirmou Dylan em sua primeira entrevista de rádio, para a WNYC, no outono de 1961. Também diz ter morado em Cheyenne e Sioux Falls, na Dakota do Sul; em Phillipsburg, Kansas; em Hibbing, Minnesota; e em Minneapolis. Pelo menos as duas últimas eram verdade...

2 Garoto do circo

"Ah, sim, vivi uns seis anos em circos itinerantes. Era o garoto da faxina, trabalhava na roda gigante... viajei por todo o centro-oeste", contou Dylan a um locutor de rádio em 1961. "Isso não interferiu em sua educação?", perguntou o locutor. "Cabulei a maior parte da escola", respondeu Dylan, de maneira displicente.

3 O jogo do nome

"Isso não passa de um boato criado por pessoas que gostam de simplificar as coisas", rebateu Dylan quando perguntaram se havia tirado seu nome de Dylan Thomas. "É o nome da minha família... por parte de mãe. Soletra-se D-I-L-L-O-N e mudei a partir daí." Na realidade, o nome da família de sua mãe é Stone.

4 A descendência indígena

Quando chegou ao Greenwich Village, em Nova York, Dylan inventou vários fatos sobre si mesmo. O mais absurdo de todos foi sua insistência em ser descendente dos índios Sioux. "Lembro-me dele dando uma demonstração solene da linguagem de sinais indígena, que obviamente estava inventando na hora", relembra Dave Van Ronk.

5 Fantasias de gigolô

Dylan contou a Robert Shelton em 1966 que, quando chegou a Nova York, cinco anos antes, tinha ganhado dinheiro como garoto de programa na Times Square. "Lucrando com esse cara, tá ligado? Às vezes ganhávamos 150 ou 250 dólares em uma noite. Caras e minas pegavam a gente. Fazíamos o que você quisesse, desde que pagasse."

6 Garotinho órfão

"Não conheci meus pais", contou Dylan à *Newsweek* em novembro de 1963. Foi apenas uma de suas muitas afirmações de orfandade. Naquele exato momento, Abe e Beattie Zimmerman estavam a apenas alguns quarteirões de distância, esperando, orgulhosos, pela apresentação de estreia de seu filho no

1959 – 1960 A Universidade de Dinkytown

"Suponho que minha procura era por aquilo que tinha lido em On The Road – a busca pela grande cidade, por velocidade, o som daquilo tudo; a procura pelo que Allen Ginsberg chamou de 'mundo do jukebox de hidrogênio.'"

Bob Dylan, Chronicles

Minneapolis e St. Paul – as Cidades Gêmeas – estão diante uma da outra, separadas pelo rio Mississippi, que

segue até o Delta, terra dos músicos de blues que Dylan passou a admirar tanto. Ele não tinha interesse pelos estudos nem pela vida na universidade. Em vez disso, ficou atraído imediatamente por Dinkytown, o bairro boêmio adjacente ao campus, que oferecia um tipo de educação totalmente diferenciado.

Apesar dos discos de Lead Belly que tinha ganhado em sua formatura, Dylan chegou às Cidades Gêmeas com a mente dominada pelo rock'n'roll. Em Dinkytown, especialmente no café Ten O'Clock Scholar, que começou a frequentar, passou a ouvir um estilo de música muito

Carnegie Hall, em Nova York. Os pais de Dylan ficaram profundamente magoados com as repetidas negações sobre a existência deles, e culparam o agente do músico, Albert Grossman.

7 Sonhos de Woody

“Costumava ir ver Woody [Guthrie] sempre que tinha dinheiro suficiente”, Dylan contou a Izzy Young em outubro de 1961. “Eu o conheci na Califórnia antes de tocar de verdade. Acho que Jack Elliott estava com ele.” Dylan teria apenas 13 anos na época, se a história for verdadeira. E ele foi para a Califórnia pela primeira vez apenas em 1963.

8 Vivendo o blues

Em uma das primeiras entrevistas com Robert Shelton, do *New York Times*, Dylan afirmou que aprendeu a tocar *slide guitar* de blues “com um velhote chamado Wigglefoot em Gallup, Novo México. Ele era um bluesman derrotado que usava tapa-olho. Toco bastante material que aprendi de Mance Lipscomb. Eu o conheci em Navasota, Texas, cinco anos atrás”. Na época, Dylan era apenas um estudante de 15 anos em Hibbing, Minnesota. Mas isso não o impediu de acrescentar: “Estou falando a verdade. Não contaria nada a você que não fosse verdadeiro”.

diferente. Entre os clientes habituais do café estavam Spider John Koerner e Dave Ray, ambos *bluesmen* acústicos estabelecidos, jovens e brancos, que gravariam para a Elektra; e Frank Morton, que tocava canções folk como “Gypsy Davey”. Morton improvisava nas letras, falando de acontecimentos contemporâneos até melodias folk antigas, técnica emprestada de Woody Guthrie, a quem Dylan também logo imitaria.

Quando veio o inverno de 1959, Dylan tinha sido convidado a se retirar da fraternidade, e passava seus dias dormindo no chão de apartamentos de amigos.

9 Devaneios de caubói de corrida

“Gosto de pilotar motos... Fui corredor em Dakota do Norte e do Sul e em Minnesota... Tinha um caipira em Sioux Falls, Dakota do Sul, que tocava auto-harpa. Peguei o jeito Wilbur de cantar. Nunca me lembro de seu sobrenome... Aprendi os estilos de caubói com caubóis de verdade. Não me lembro dos nomes. Conheci alguns em Cheyenne... Toquei com Gene Vincent em Nashville.” Outra entrevista, outra invenção sobre si mesmo, de outubro de 1961.

10 Nascido com signo ruim

“O fato de eu ser de Gêmeos explica muita coisa”, comentou Dylan certa vez. “Força-me a extremos. Nunca estou centrado. Vou de um lado para o outro sem ficar muito tempo em nenhum deles.” Três décadas depois, no encarte que acompanhou a coleção oficial *Bootleg Series Volumes I-III*, Dylan incluiu uma reprodução de sua carta de motorista, mudando sua data de nascimento de 24 de maio para 11 de maio – tornando-se um taurino.

Trocou sua guitarra por um violão O-duplo Martin e ganhou alguns trocados tocando no café Scholar com Koerner, que o ensinou sobre blues e o apresentou aos discos de Blind Lemon Jefferson, Charlie Patton e outros. Depois, conseguiu um emprego na Purple Onion, uma pizzaria em St. Paul, onde começou a tocar as primeiras composições próprias, “One Eyed Jack” e “Greyhound Blues”, além de canções como “A Man Of Constant Sorrow” e “House Of The Rising Sun”. Recebeu apoio de uma nova namorada, Bonnie Beecher, que pegava comida de sua fraternidade para dar a ele

e que se tornou a segunda mulher importante em sua vida, depois de Echo Helstrom. A identidade do amor verdadeiro que o músico imortalizaria em “Girl From The North Country” é motivo de polêmica. O mais provável é que seja tanto Bonnie quanto Echo, e talvez uma ou duas de suas primeiras namoradas que “deram origem ao poeta”, como o músico definiu no documentário de Martin Scorsese, *No Direction Home*.

Ouviu os discos de Woody Guthrie pela primeira vez em Minneapolis, graças a uma estudante de artes cênicas chamada Flo Castner, e relembrou o momento em *Chronicles Volume One*, dizendo que foi “uma epifania, como se uma pesada âncora tivesse descido pelas águas de um porto”.

Outra significativa influência de Dinkytown foi Dave Whitaker, boêmio envolvido com movimentos políticos radicais que conhecia escritores da geração *beat*, como Allen Ginsberg e Lawrence Ferlinghetti, e que já tinha ficado bêbado com Jack Kerouac. Foi no apartamento de Whitaker que Dylan experimentou maconha mexicana barata, numa época em que a erva era rara em campi. Houve também Jon Pankake, um estudante que tocava banjo, publicava um fanzine de música *folk* chamado *The Little Sandy Review* e que, mais importante, tinha uma cópia do raro box de seis discos de Harry Smith, *Anthology Of American Folk Music*.

Bob visitava seu apartamento com frequência e, em certa ocasião, quando Pankake tinha saído e a porta estava destrancada, pegou emprestado, sem permissão, cerca de 20 LPs, inclusive uma série de discos de Ramblin’ Jack Elliott e, acredita Pankake, a antologia

de Harry Smith, que se tornaria uma fonte de inspiração pelo resto de sua carreira.

Pankake descobriu que os álbuns tinham sumido e confrontou Dylan, que negou tudo. Quando o ameaçou com porrada, ele confessou e devolveu alguns dos discos, mas não o box de Harry Smith. Como seu biógrafo Howard Sounes diz, Dylan não parecia considerar sua atitude um roubo. Estava faminto pela música e simplesmente tinha ignorado a cortesia de pedir licença, e não seria a primeira vez. O músico fala bastante sobre Pankake em sua autobiografia, descrevendo-o como “parte da patrulha *folk*, se não o próprio xerife”, mas omitindo-se de mencionar a história dos LPs “emprestados”.

No verão de 1960, com sua cabeça agora abarrotada de música *folk* e inspirado pela leitura de *On The Road*, de Kerouac, Dylan, com 19 anos, pegou carona por quase 1.500 km a oeste, para Denver, Colorado. Entre as pessoas que conheceu está Judy Collins, então uma aspirante a cantora *folk* de 21 anos, e Jesse Fuller, *bluesman* de 64 anos que tinha escrito *San Francisco Bay Blues* e que tocava em um bar local chamado The Exodus. Foi tudo parte de sua educação musical, em franca expansão. Mas houve mais problemas relacionados a discos que pegou emprestado sem pedir licença, desta vez do apartamento de amigos em Denver. A polícia foi chamada. Nenhuma acusação foi feita contra Dylan, mas dizem que ele ficou nervoso a ponto de chorar. Quando voltou a Dinkytown, o incidente havia se transformado em mais combustível para a crescente mitologia que estava construindo em torno de si mesmo. “Fui expulso de Denver por roubar a casa de um cara aí”, gabou-se para amigos.